

OS POBRES NA PAN-AMAZÔNIA

PAULO SÉRGIO VAILLANT *
FRANCISCO ALMENAR **

“Com os pobres desta terra quero minha sorte jogar”

1. CARACTERIZAÇÃO SÓCIO-GEOGRÁFICA

A Pan-Amazônia engloba toda a região banhada pelo rio Amazonas e seus afluentes, com características próprias e comuns, que devem ser contempladas e pensadas “desde dentro” se queremos realmente colaborar na melhoria de vida dos seus povos e dos benefícios que esta região traz ao mundo. A região pan-amazônica é formada por nove países (Bolívia, Brasil, Colômbia, Equador, Guiana Francesa, Guiana Inglesa, Peru, Suriname e Venezuela) e atinge dez Estados brasileiros (Acre, Amapá, Amazonas, Goiás, Maranhão, Mato Grosso, Pará, Rondônia, Roraima e Tocantins).

A pobreza segue aumentando cada dia mais ao ritmo do crescimento e do acúmulo da riqueza nas mãos de nações e pessoas “ricas cada vez mais ricas e de pobres cada vez mais pobres”. Na Amazônia, este fenômeno da globalização do capitalismo neoliberal não é diferente: cresce e se desenvolve sempre mais, causando uma enorme desigualdade geradora de pobreza, miséria e exclusão. Em nossa análise na Equipe Itinerante, depois de alguns anos de observação navegando rio abaixo e rio acima, visitando centenas de comunidades, aldeias e famílias e conhecendo um pouco a história desta encantada e cobiçada Amazônia, detectamos três tipos de sujeitos sociais mais excluídos na Amazônia, que formam uma histórica massa de empobrecidos: *Ribeirinhos*, *Indígenas* e *Marginalizados Urbanos*. Estes três sujeitos históricos têm entre si uma profunda relação que gera um sujeito que denominamos como “os pobres na Pan-Amazônia”. Esta pobreza caracteriza-se, historicamente, em forma de abandono/exploração, perseguição/exterminio e exclusão/violência, respectivamente.

Com exceção de alguns povos indígenas nativos e algumas comunidades ribeirinhas de migrantes, estes sujeitos se interpenetram nos três espaços citados anteriormente. Muitas comunidades ribeirinhas são formadas por ribeirinhos e indígenas. Muitas aldeias indígenas, por sua vez, são formadas por indígenas e ribeirinhos. Hoje, quase vinte mil indígenas, somados com milhares de ribeirinhos, vivem na cidade de Manaus (AM), formando uma multidão de pobres que denominamos de Marginalizados Urbanos. Esta cidade tem aproximadamente 1,7 milhão de habitantes e é uma das metrópoles brasileiras que continua crescendo em torno de 10% ou mais ao ano, sem oferecer um plano urbanístico capaz de acolher tanta gente que vem para a capital da Zona Franca à procura de melhores condições de vida.

A Organização das Nações Unidas (ONU) e diversas entidades científicas, ecológicas, culturais e religiosas vêm alertando nas últimas décadas sobre o grave perigo que vem afetando a água em nosso planeta, apontando o século

XXI como aquele que poderá vir a ter guerras pela posse da água doce. Acompanhando a vida dos pobres nesta região de maior concentração de água doce do planeta (20%) e do Brasil (80%), constatamos diversos conflitos que justificam esta suspeita, tanto no interior como nas cidades.

2. A EQUIPE ITINERANTE

A poetisa Natasha Andrade, cantada pelo grupo musical regional *Raízes Caboclas*, foi para nós da Equipe Itinerante uma inspiração desde o começo, com uma de suas metáforas, que diz: *“Nos caminhos deste rio muita história pra contar. Navegar nessa canoa é ter o mundo pra se entranhar”*. E foi entranhando neste mundo dos excluídos, no “ritmo da canoa”, em meio a tamanha exuberância mística e natural, que nasceu o Projeto da Equipe Itinerante, como uma resposta alternativa nova e criativa de evangelização e assessoria, inspirado no jeito itinerante da tradição bíblica e dos primeiros jesuítas que aqui chegaram no século XVI. O Projeto, que ainda está em construção e, acreditamos, sempre estará, inicia seu nono ano e se caracteriza como uma tentativa de resposta diferenciada de evangelização e assessoria às Igrejas e aos Movimentos Sociais e Populares, desde a base, nesta vasta, cativante e ambicionada Amazônia.

Em 1995, os jesuítas deram início a uma nova fase de presença aqui na Amazônia, com um processo interno que levou à constituição de uma Província independente. Até o momento somos parte da Província do Nordeste (BNE) e nos constituímos como Região dos Jesuítas da Amazônia (BAM). Sendo poucos, em tão ampla área geográfica, que vai do Pará ao Acre, e diante da grande demanda de “assessoria às Igrejas e aos Movimentos Sociais e Populares” por parte da Igreja, da Sociedade Civil Organizada e da grande maioria da “sociedade desorganizada”, surgiu a idéia de constituir uma Equipe Itinerante liberada e em tempo integral para servir onde mais precisar, ou seja, onde a vida está mais ameaçada, as culturas desrespeitadas e os direitos humanos ignorados.

Em 1998 deu-se o primeiro passo concreto com dois jesuítas itinerando livremente pelas ribeiras dos rios da Amazônia e pelas invasões e periferias manauaras. No fim deste mesmo ano integrou-se novos membros e inaugurou-se a itinerância também no mundo indígena. No ano seguinte, a Equipe se ampliou com a chegada de um leigo e uma leiga e outros religiosos(as) e o trabalho foi se consolidando. Em 2000 decidimos fundar também uma Comunidade Itinerante mista e inserida junto aos pobres nas palafitas do Igarapé do Franco, no Jardim dos Bares, uma comunidade muito pobre da “periferia”, perto do centro de Manaus. Com a atual reforma urbana, estas palafitas foram demolidas e a comunidade teve que se mudar para outra área.

Inicialmente era apenas um projeto dos jesuítas, identificados de diversas formas, às vezes como turistas, penetras, espiões, missionários, assessores, gente desocupada, aventureiros, “basistas” etc. Aos poucos, também nós fomos descobrindo-nos como somos: itinerantes. A experiência de itinerância é revolucionária, pois ultrapassa a dimensão meramente geográfica e atinge o

interior, criando, assim, uma quase nova identidade. Isto é, um jeito de ser, viver e agir que exige certo grau de despojamento, espírito de gratuidade, fé, opção pelos pobres, aventura, abertura para o novo e criatividade suficientes para compreender inúmeros e variados apelos, movimentos e manifestações numa cultura diferenciada e plural.

3. OBJETIVOS, METODOLOGIA E ESPIRITUALIDADE

Lá pelo ano de 2001 fomos conseguindo dizer para nós mesmos nossos objetivos gerais, que são: *“Escutar, despertar, incentivar e apoiar pessoas, grupos e projetos de iniciativa dos ribeirinhos, indígenas e marginalizados urbanos. Isso através da itinerância e da articulação com grupos e entidades comprometidas na mesma luta. Tudo para que os pobres e excluídos se tomem sujeitos da sua libertação e se reconheçam como pessoas e filhos/as preferidos/as de Deus, a fim de, pelos valores do Evangelho, humanizar os ambientes mais agressivos, injustos e opressores onde a vida humana está mais ameaçada, as culturas desrespeitadas e os direitos humanos ignorados”*.

Ao mesmo tempo, fomos também definindo nossos objetivos específicos: *“Ir ao encontro dos mais empobrecidos e culturalmente diferentes; conhecer a vida concreta das pessoas, aprendendo delas a maneira de servi-las; contribuir com assessorias específicas às comunidades, igrejas, movimentos populares e organizações sociais; estudar e aprofundar temas de interesse da missão da Equipe; registrar; sistematizar e devolver às comunidades a sua práxis e memória; incentivar relações comunitárias e relações igualitárias de gênero”*.

Em linhas gerais, a *metodologia* e a *espiritualidade* da Equipe se fundem na metáfora da “rede de pesca”, que compreendemos mais como “fios” do que como “nós” no processo de construção da mesma. Trata-se, antes de tudo, de ter como princípio a renúncia do poder e do protagonismo do processo, favorecendo o empoderamento e o protagonismo dos pobres em suas pequenas, médias ou grandes organizações, mas que sejam assumidas e levadas a cabo por eles próprios. De nossa parte, somos apenas seus aliados, com possibilidade de fazer o trabalho semelhante ao das abelhas, no sentido de intercambiar experiências, “tecer redes” e refletir caminhos para avançar na organização de forma justa, consensual e sustentável.

Na Equipe, aprendemos muito com um ditado caboclo que diz: “seguimos juntos no ritmo da canoa”, em seus processos libertários e de organização. O povo da Amazônia, em geral, é muito contemplativo e paciente, sabe muito bem que para se fazer uma “rede” precisa-se, antes de tudo, entender de arte, e que isso exige muita dedicação, paciência e cuidado. Nossa presença procura ser entre iguais e solidária, participando como fio da construção da Rede da Vida. O modelo de Igreja que tentamos testemunhar é mais uma “Igreja dos caminhos, dos rios, das tendas” que uma Igreja-casa ou instituição. A palavra fundacional da Equipe Itinerante é “leveza” e a atitude é a liberalidade e a compaixão.

4. OS RIBEIRINHOS

Essa é a denominação dada aos habitantes das ribeiras dos rios, lagos e igarapés que vivem em povoados, aldeias ou casas isoladas. Vivem geralmente nas várzeas, quando baixam as águas, e em terra firme, em palafitas ou em casas flutuantes, no tempo da cheia. São pequenos agricultores, pescadores, pequenos comerciantes ou donos de barcos que moram geralmente em “casas flutuantes”. São migrantes nordestinos e de outros Estados, que vieram para a Amazônia nos séculos XIX e XX, por ocasião dos Ciclos da Borracha, formaram famílias de trabalhadores, casando-se entre si ou com indígenas, dando origem aos chamados “caboclos/as amazônidas”. Todos eles constituem os “povos da floresta” amazônica. Parte deste povo é ainda muito desorganizada e desassistida.

Vale recordar que, em 2003, após dezenove anos de Encontros, Assembléias e Seminários Ribeirinhos, depois de muita conversa, diálogo e reflexão sobre a identidade ribeirinha, foi criado o Movimento das Mulheres Ribeirinhas do Amazonas e, no ano seguinte, o Movimento Ribeirinho do Amazonas, que congrega dezenas de movimentos e organizações do interior. Esta organização é um bom sinal de superação deste abandono e exclusão em que vivem as populações ribeirinhas. Isso tem sido considerado como fundamental para avançar no processo de inclusão por meio da reivindicação de seus direitos fundamentais de cidadania e autodeterminação.

Existem no Amazonas centenas destas comunidades ao longo dos inúmeros rios, igarapés e lagos. Muitas paróquias, por exemplo, chegam a ter até 150 ou mais comunidades num ângulo de até duzentos quilômetros. Muitas delas só podem ser visitadas de barco quando os rios estão cheios. Nossas viagens duram entre trinta e quarenta dias. Com isso, as visitas da Equipe Itinerante se limitam a uma ou duas por ano nestas regiões mais distantes de Manaus, na medida em que leva-se vários dias de barco para alcançá-las. Quando no Sul do Amazonas tem cheias, no Norte tem seca, e vice-versa. Existem também regiões intermédias, o que proporciona atividades o ano inteiro de forma cíclica, em regiões hoje selecionadas pela Equipe como mais necessitadas de presença e apoio.

Vejamos alguns exemplos de ribeirinhos das margens do rio Purus, no município de Boca do Acre, divisa com Pauini, mais de mil quilômetros distante de Manaus em linha reta e perto de três mil pelo sinuoso rio, o que significa até 22 dias de barco no tempo da estiagem:

“O Senhor é meu Pastor, nada me falta”

Dona Maria e dona Darcy são duas caboclas lutadoras:

Nós somos velhas e viúvas sem força e condição pra trabalhar e dar de comer a tanta gente. Eu sou uma mãe e avó muito sofrida. O pai e a mãe destas crianças abandonaram tudo pequeno e a gente é que tem que cuidar e dar de comer a eles tudim, o que não é nada fácil. Esta criançada é muito triste, a gente prepara o café e vai pra beira, e quando a gente volta eles ‘roubaram’ o açúcar que já era pouco... o açúcar é muito caro... um quilo custa mais que um cacho grande de

banana (R\$ 1,00). Nós fomos pra rua (cidade da Boca do Acre) duas vezes de canoa no remo porque não tinha dinheiro pra comprar o combustol (óleo/gasolina) nem pra pagar a passagem na catraia ou no barco. A gente se cansa demais. Nós gastamos dois dias pra ir e quase dois pra voltar. Às vezes a gente parava nas praia pra descansar e os mocotó da gente tava tudo duro, que só faltava quebrá e a gente desmaiá. Todos os dias quando eu saio pra trabalhar eu sempre peço que Deus tome de conta de nós. A gente passa a vida quase sem nada aqui no beradão. Sem comida e sem Deus não dá. Domingo, desde o início do mundo, a gente tem que gurdá, pois sem Deus nós não somo nada. Eu falo com Deus com muita esperança, principalmente, que a mãe volte pra cuidar destas crianças

“Mendigar, tenho vergonha”

Senhor Norberto, da comunidade Flores, também narra seu drama:

A situação da saúde e da justiça aqui na Boca do Acre está dramática, principalmente para o povo ribeirinho. Quando a gente é atendida é por um médico estrangeiro, acho que lá da Bolívia, que não fala português direito e quase sempre receita um remédio que não tem na farmácia do hospital. Nas outras farmácias é um horror de caro. Se a gente quiser tem que ficar pedindo ajuda e esmola a um e outro e até pros vereadores e o prefeito, coisa que eu não gosto e tenho vergonha de fazer. A justiça nem se fala, esta é que não tem mesmo pra nós, os pobres. O juiz vem aqui uma vez na vida, outra na morte, e sempre correndo. Quando a gente fica sabendo, ele já foi embora

Uma história de dor e de fé

A história de Dona Francisca (Chaguinhas), de São Bernardo, interior de Pauini, no rio Purus, resume a trajetória de muitas ribeirinhas:

Eu vivi vinte anos com meu marido e nós nunca brigamos, nunca vi ele se alterar por nada, sempre foi a mesma pessoa desde que nos casamos. Quando voltava para casa sempre dava um assovio avisando que estava chegando e nunca reclamou de nada: se a comida estava pronta, tudo bem; quando não estava, sempre soube esperar com paciência. Gostava muito de festa e era uma pessoa alegre e amiga de todos... Foi numa noite de festa de uma menina de quinze anos, aqui em casa, quando começou uma confusão e ele pediu para pararem de brigar, mas não atenderam seu pedido e o próprio que se dizia amigo, que muitas vezes comeu na mesa com ele e dormiu em nossa casa, bateu nele, o deixou meio tonto e o esfaqueou dentro da nossa própria casa. Eu estava no quarto, de resguardo da nossa filhinha que tinha nascido fazia dez dias, quando soube do acontecido e pedi que o levassem para perto de mim. Assim fizeram. Poucos minutos depois, ele faleceu... Mas Deus é muito bom pra mim, pois me deu oito filhos. Ele levou três: o primeiro tinha quatro anos e morreu afogado aqui no nosso porto. Quando encontraram meu filho afogado na beira do rio, todo

mundo começou a chorar e gritar. Mas eu disse: “Não quero ninguém chorando e gritando porque isso não vai trazer de volta a vida do meu filho! Deus tirou de mim, se Ele quiser vai me dar outro!”. E Deus me deu outro filhinho... Assim também aconteceu com meu outro filho de três anos, que também morreu afogado no porto de Rio Branco (AC). Deus tirou este, mas também me deu este outro que já está rapaz e me ajuda muito... O terceiro era uma menina que adoeceu. Eu fui para Rio Branco e os médicos falaram que tinha que ir para São Paulo, mas eu falei: “Façam tudo o que vocês puderem aqui mesmo, pois se é para ser minha, Deus vai curá-la!”. Então, fizeram tratamento, mas não resistiu, pois estava com leucemia e faleceu lá mesmo no hospital. E, agora, Deus leva meu marido, mas deixa esta filhinha comigo, que é o encanto da minha vida, é a que preenche meu tempo e espaço. Deus é maravilhoso comigo!

Uma história de amor:

Mas nem tudo é sofrimento, como nos ensina Francisco Sales, também morador de Pauini:

Ela era uma moça muito sofrida. De pequena, a mãe não podia criá-la, pois tinha muitos filhos e seu marido morreu. Então, deu ela para outra família. Eles a fizeram sofrer, pois não a queriam como uma filha e sim como uma empregada. Ela botava água em três casas e fazia todo o serviço, sendo que as outras filhas da família apenas trabalhavam e desprezavam Antônio, olhando para ela com desvalor... Eu nasci em Seruri, mas viajei muito de Manaus até o Acre, pois fui empregado de um grande comerciante durante catorze anos. Foi aí que eu conheci Maria Antônio, numa das paradas, em Santa Vitória. Eu logo gostei dela e ela de mim, mas ninguém falou para o outro: eu não tinha coragem, pois sou um nego caboclo... e ela também não tinha coragem, pois era uma índia sofredora. Mas, depois de algum tempo, numa das paradas, ela me disse: “Espero que algum dia alguém me queira bem e me tire desta vida sofrida”. Então, eu falei para ela: “Eu posso ser essa pessoa. Não posso te dar riqueza, mas posso te dar o meu amor e respeito”. Assim, desde que a conheci pela primeira vez até que nos casamos, se passaram cinco anos, namorando de longe, eu olhando para ela e ela me olhando. Até que um dia pedi a mão dela ao padraсто. E quando eu contava para os outros que estava noivo de Maria Antônio, não acreditavam e faziam piadas. Mas eu casei com ela e a tirei daquele sofrimento. Ela tinha apenas dezesseis anos e eu 28... Disto já faz 42 anos, mas o tempo todo nossa união é uma só. Nunca tivemos um ‘congoite’ ou desavença. Graças a Deus que somos muito unidos até hoje...

A água no mundo dos povos ribeirinhos

Na ótica ribeirinha, no Amazonas, a água é, junto com a terra, a principal fonte de vida e também a causa de conflitos e disputas políticas, econômicas e sociais. Cresce cada dia mais o temor das populações ribeirinhas de ficarem

impedidas de usufruir destes dons naturais, de onde tiram seu pão/peixe de cada dia. Por conta disso, surgiram nas últimas décadas diversos movimentos de cunho sócio-religioso-ambiental-ecológico-político-social, sendo os mais conhecidos os Seringueiros (no Acre), a Preservação de Lagos (no Amazonas), os Pescadores (no Pará), as Mulheres Quebradeiras de Côco Babaçu (no Maranhão) e, atualmente, os de Agentes Ambientais Voluntários (AAV), que já somam mais de dois mil somente no Estado do Amazonas e se dedicam de corpo e alma à defesa, preservação e desenvolvimento justo e sustentável da água e da terra, fontes perenes de vida. Com efeito, enfrenta-se muitos desafios por causa da falta de cumprimento das leis ambientais brasileira e internacional.

A vida dos povos ribeirinhos amazônicos difere em diversos aspectos da “pobreza” de outras partes do Brasil e do mundo. Na Amazônia, a abundância de alimentos naturais dos rios e da floresta (peixe, caças e frutas), a pequena agricultura e a pecuária resolvem uma boa parte da alimentação, mas, no tempo de cheia, o peixe e a caça se escondem. A escassez de dinheiro para complementar a alimentação necessária equilibrada e saudável é muito grande, lembrando que os produtos agrícolas quase nunca são valorizados e as distâncias para o escoamento da produção dificultam e até impedem a comercialização dos mesmos. Neste sentido, reconhecemos e apoiamos a acertada e emergencial decisão do governo federal com o projeto “Fome Zero”, de distribuir dinheiro às famílias pobres e não alimentos vindo do Sul e do Sudeste, pois isso faz com que as pessoas tenham algum dinheiro para complementar aquilo que lhe é fundamental à sobrevivência. Isso os incentiva também a continuar na terra (no interior) e não ir para a cidade, o que agravaria ainda mais o grave fenômeno dos marginalizados urbanos.

5. OS MARGINALIZADOS URBANOS

O mundo dos marginalizados urbanos é uma mistura de encanto e miséria de paraíso e de inferno, de sinais visíveis do Reino de Deus em meio a tanta desumanização, morte e destruição. A força de atração de Manaus sobre as pessoas e famílias da Amazônia é enorme. É a atração da cidade grande como sonho de liberdade, progresso e melhoria de vida (emprego, educação escolar, saúde etc.). Em 1967 foi criada oficialmente a Zona Franca e o Distrito Industrial em Manaus, que gerou empregos e atraiu milhares de pessoas do interior. Hoje, quanto maiores os lucros das dezenas de empresas brasileiras e multinacionais que instalaram aqui suas fábricas, isentas de impostos, menos pessoas são necessárias para mantê-las, pois máquinas e computadores sofisticados substituem milhares de empregados. Cresceu o lucro e reduziu o número de trabalhadores efetivos, agravando também o arrocho salarial e o excesso de horas-extras para driblar os gastos com direitos sociais.

No mundo urbano se travam também grandes desafios. Com quase 1,7 milhão de habitantes (65% da população do Estado), a capital amazonense não é exceção. Nela encontramos imensos desafios para a humanização e evangelização nesta região Norte do Brasil. Em meio aos incontáveis sinais de vida, solidariedade, partilha e amor desinteressado, há muita desumanização, abandono, fome e violência. Manaus é a capital brasileira onde a riqueza e a

renda estão mais concentradas nas mãos de poucos. Isto gera uma imensa população que denominamos de “marginalizados urbanos”.

Marginalizados urbanos são as pessoas que moram nas favelas, às margens dos igarapés, nos acampamentos, nas ocupações ou invasões das periferias. A grande maioria é de trabalhadores informais e/ou desempregados, bóias-frias que mal conseguem o dinheiro suficiente para esticar a vida de um dia para o outro. A sobrevivência é a máxima preocupação e angústia. Eles ocuparam essas áreas fugindo do aluguel, vindo de outros bairros, outros municípios e até de outros Estados. Em geral, são famílias numerosas e/ou casais novos. Em sua cultura predomina ainda a dimensão rural, ribeirinha ou indígena.

Os marginalizados urbanos podem ser caracterizados entre os pobres da Amazônia como os mais excluídos e desumanizados, por estarem mergulhados no mundo das drogas, em muitos casos a única fonte de sobrevivência ou de fuga, alívio ou compensação para seus sofrimentos e vida degradante. Sofrem muitas doenças crônicas e muitos pobres se sentem “inúteis e sem valor” dentro deste mundo urbano desumano moderno.

A Comunidade Itinerante mora atualmente numa das muitas palafitas existentes na cidade. A Sub-Equipe de Marginalizados Urbanos, que trabalha na cidade, visita sistematicamente as áreas de invasão mais pobres. Visitamos gratuitamente as famílias para conhecer e sermos conhecidos, querer bem e deixar-nos querer. Não vamos lá para falar de Deus nem para convidar a participar da igreja. Geralmente, procuramos mais falar a Deus sobre eles. Onde nos pedem, também colaboramos na formação, celebração e com assessorias em comunidades ou organizações. E, assim, vamos descobrindo as sementes do Reino que encontramos, cultivando e repartindo com eles as sementes de partilha, serviço, solidariedade, alegria, esperança, sentido da vida e humanização da sociedade.

Em seguida, apresentamos uma pequena “amostra”, entre centenas de exemplos de vida, luta e festa, que nos aparecem no dia-a-dia dos pobres urbanos.

“Uma mulher para os demais”

Simone é uma jovem mulher casada que tem duas crianças e vive na invasão mais pobre que conhecemos, a Pedreira. Sempre que a visitamos tem outras crianças na casa dela. Ao perguntar por que cada dia cuida de tantas crianças, ela explica com simplicidade:

Bem, quando as minhas vizinhas precisam sair de casa eu fico cuidando das crianças e dando para elas o que tenho pra comer. Eu não posso dizer que não, pois todos precisamos uns dos outros. Também quando sei que alguma pessoa tá doente, vou na casa dela pra ver como posso ajudar, fazendo um chazinho, cuidando dos filhos, lavando a roupa deles ou levando no médico... Eu só posso ajudar se for assim, pois de outro jeito eu não sei

“Dar a vida pelos outros”

José Maria é um homem negro, magro e envelhecido, curtido pelo sofrimento, já foi dançarino de escola de samba. Mora num barraco de tábuas com seus dois filhos, de sete e nove anos, abandonados pela mãe. Sorriso aberto, nem parece um sofredor. Ele nos conta:

Graças a Deus que tenho vizinhos bons. Todo dia preciso sair para procurar um biscate e trazer algo pros meus filhinhos comer. Então, eles ficam com as famílias vizinhas enquanto eu não voltar. Eu quero bem demais os meus filhos. Eu quero o melhor para eles. Agora estou com pneumonia, mas vou trabalhar; pois meus filhos merecem

É aquilo de “dar a vida pelos outros” ao pé da letra.

“Felizes os pobres”

Francisco e Florinda também moram na Pedreira, na beira do pequeno igarapé. A casa deles espalha criatividade e alegria por todo canto. Cheia de filhos e netos, todos sorridentes. Seu Francisco nos diz:

Faz nove meses que cheguei aqui, pois estando desempregado não dava pra nós pagar aluguel. Consegui estas placas de isopor onde eu trabalhava, amarrei elas, cobri com plástico e fiz o telhado da nossa casa. Assim, o sol não esquentava tanto. Também cavei um poço atrás da casa que dá água limpinha e ajudo outros vizinhos que chegaram depois para fazer o mesmo. Não tenho emprego certo, mas tenho fé em Deus que vou encontrar. Foi por isso que sempre votei no PT e no Lula

E a criançada faz festa.

“Eu sou feliz é na comunidade”

Jazilene é uma jovem extremamente magra. Casada com Áureo, trabalha de manicure pelas casas de outro bairro bem distante, onde morava antes. Tem uma menina de cinco anos e um recém-nascido com defeitos físicos. Nos fala da sua vida:

Neste lugar; em toda casa tem alguém com malária. Meu menino nasceu com defeito porque tomei remédio contra a malária sem saber que estava grávida. Mas Deus mandou este menino e estou feliz. Vai ter que ser operado várias vezes, rezem pra dar certo! Já estamos conseguindo terminar de levantar nossa casa, pois este quarto em que moramos não é nosso, e graças a Deus que a dona não nos cobra aluguel, pois teve pena de nós, mas agora precisa dele. Com a manicure que faço quero juntar uns trocados para conseguir comprar uma Bíblia. O que me dá mais alegria é a comunidade, e nunca deixo de participar da preparação da liturgia, nem que esteja um pouco doente

Grande é a fé desta jovem mãe!

“Receber o hóspede como a Cristo”

Manoel e Maria são um casal com nove filhos, à espera do décimo. Moravam num igarapé, perto do centro, mas a casa deles foi arrastada pelas águas e vieram morar na periferia. A casa de tábuas mede em tomo de 4 x 7 metros. O filho maior tem dezesseis anos. Seu Manoel está desempregado, mas vive com um permanente sorriso de tranqüilidade, como se tudo estivesse bem. As crianças magrinhas por falta de comida, mas com outros tantos sorrisos como se vivessem na fartura. Pouco depois de chegarmos na casa deles não sabemos como apareceu uma garrafa grande de guaraná pra gente tomar. Repartimos com a criançada e apenas isto foi a maior festa! À noite, compramos ovos e Maria fez uma farofa e arroz que deu pra todos. Depois, disseram: *“Hoje vocês dormem aqui, pois onde cabem doze, cabem catorze. Você já sabe, Paco, como era mais estreito quando morávamos vizinhos no outro igarapé”*. E foi assim que, mais uma vez, experimentamos a hospitalidade ilimitada dos pobres!

A água no mundo dos marginalizados urbanos em Manaus

A água no cotidiano dos marginalizados urbanos é uma carência quase que permanente. Em muitos casos, a água é fonte de exploração, muito sofrimento e origem de diversas doenças. Pela ausência e descaso dos órgãos públicos e, no caso específico de Manaus, pela empresa privada de saneamento *Águas do Amazonas*, de capital francês. Os pobres que vivem sem água potável e de qualidade em suas casas são ainda muitas vezes acusados de serem os principais responsáveis pela poluição das fontes, mananciais, rios e igarapés, por habitarem em suas margens e não terem o mínimo de saneamento básico. Vale lembrar que, nesta cidade, menos de 10% das residências dispõe de rede de esgoto, que, praticamente em sua totalidade, é lançado sem tratamento algum nos rios Negro e Amazonas.

A pergunta que salta aos olhos e consciências, entre outras é: onde vamos chegar com este acelerado processo de privatização da água? Manaus é a primeira e única capital do Brasil em que a água e o sistema de esgoto foram privatizados desde 2000, mediante um contrato com validade até 2030. Este tema valeria um estudo mais aprofundado pois nos parece um processo bastante complexo e ameaçador da soberania. Existem muitas críticas atuais sobre o processo de privatização e também aos serviços prestados, bastante aquém das metas assinadas no contrato. Por outro lado, a grande maioria das famílias de classe média e alta, empresas ou instituições tem seu poço artesiano próprio. No entanto, o povo quer e tem direito a água e saneamento básicos de qualidade, mas a este preço dá-se a impressão que a água já está virando mesmo uma mercadoria igual à terra, o petróleo e tantos outros minerais. Mas não é a água um bem natural e comum? Não é ela, também, uma dádiva de Deus e algo essencial à vida de todos os viventes? Por que, então, está cada dia mais se tornando objeto de privilégio de poucos e fonte de lucro para empresas, inclusive estrangeiras? Não está aqui um sinal evidente e concreto da tão temida e badalada ameaça da “internacionalização da Amazônia?”.

6. OS INDÍGENAS

Indígenas são os moradores ancestrais (mais de vinte mil anos!) e originários da América e da Floresta Amazônica, com línguas e culturas próprias milenares. Calcula-se que a população indígena na região amazônica no período da conquista, em 1500, era de três milhões, e no Brasil em torno de cinco milhões; por volta de 1960, a estimativa era de apenas duzentas mil pessoas e nos planos do governo militar, segundo o Projeto Rangel Reis, previa-se que no ano 2000 já não existissem mais indígenas no Brasil. A resistência desses povos, com suas organizações, e em parceria com as organizações indigenistas, como a Operação Amazônia Nativa (Opan), o Conselho Indigenista Missionário (Cimi), entre outras, conseguiu reverter tal processo de extermínio. Dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) de 2000 estimavam a existência, no Brasil, de aproximadamente setecentas mil indígenas, sendo 70% em aldeias, 30% nas grandes e pequenas cidades e quase mil ainda “sem contatos”. Esta população está repartida em cerca de 250 povos espalhados em 756 terras. São faladas 180 línguas diferentes. A maioria desta população está localizada na região Norte do Brasil.

Esta realidade diversa de povos, línguas e culturas é igualmente marcada por uma variedade de processos históricos. Podem ser distinguidos pelo menos cinco processos bem diferenciados atualmente em função do nível de contato com a sociedade hegemônica envolvente: a) *Povos “não contatados”*, cuja estimativa é de mais de quarenta grupos; b) *Povos com pouco contato*, a exemplo dos Tapirape, Minky, Yanomami e Zuruaha; c) *Povos com longo contato*, como os Tukano, Guaraní, Makuxi e Sareré-Mawé; d) *Povos ressurgentes*, que por muitos anos, para sobreviverem, camuflaram-se como caboclos ou camponeses, como é o caso dos Xurkuru e outros povos do Nordeste, do Baixo Tapajós etc.; e) Indígenas nas cidades, muitos e em rápido crescimento. Calcula-se que haja, nas periferias de Manaus, entre quinze a vinte mil indígenas. Cada uma destas realidades exige um processo de acompanhamento diferenciado.

Estes povos são atualmente sementes de projetos alternativos de vida e solução para muitos dos problemas da humanidade e não um empecilho para o desenvolvimento, como afirmam muitos. Os pobres e sua pobreza, como vemos, têm diversas faces e jeitos de se manifestarem. Sua vida, em geral, é sempre marcada por muita luta, sofrimento e esperança de vitória. Acompanhem os seguintes e recentes depoimentos dos povos indígenas e de pessoas que abraçaram esta causa como sua.

Um pouco de história

Assim nos contava Lavina, coordenadora da organização das mulheres Makuxi da região:

Trinta anos atrás a situação de nosso povo era muito sofrida. Éramos escravos dos brancos. Muitos fazendeiros e garimpeiros usavam os índios para trabalhar nas fazendas e nos garimpos, pagando-lhes com

bebidas alcoólicas. Nossos homens não faziam mais roças nem iam pescar. Só viviam bêbados e jogados no chão. Nas fazendas e garimpos tinha sempre muito forró. Os brancos levavam nossas filhas para dançar e logo as engravidavam. Os brancos nos enganavam, nós aceitávamos tudo o que nos davam em troca das nossas meninas, que levavam para suas festas. Naquela época o gado dos brancos invadia nossas roças. Os nossos roçados eram destruídos e passávamos fome. Tudo isso acontecia aqui. Esse foi durante anos nosso sofrimento

Terra Sagrada sem fronteiras

Ouçamos o comentário admirado de um velho líder Makuxi que morava na beira do rio Mau, na fronteira entre o Brasil e a Guiana:

Esse assunto de botar uma linha no mapa e dividir nosso povo é muito doido e engraçado... Isso só ocorre a vocês brancos. Eu, com minha família, moro aqui, minha irmã mora lá, nossos pais primeiro moravam lá, depois passaram a morar aqui... Do lado daqui estão nossos parentes, do lado de lá estão nossos parentes... Nós, Makuxi, vamos e voltamos sem problema, pois são nossas terras, as terras tradicionais onde moraram e estão enterrados nossos antepassados, onde nós vivemos hoje e onde moraram para sempre nossos filhos e os filhos de nossos filhos. Cortar com uma linha que chamam fronteira nossa terra sagrada e dividir nosso povo, sem perguntar sequer à gente, é um assunto que dói e não podemos entender... Para nós é difícil entender vocês

Quartéis militares em terras indígenas

O Tuxaua Odando denuncia os problemas gerados pelo quartel construído na sua aldeia do Uiramutã:

Os índios não foram consultados para fazer os quartéis dentro das suas terras. Por isso, o quartel do Uiramutã nos não consideramos quartel. O quartel tem que sair de dentro de nossa área indígena Raposa/Serra do Sol. O quartel já gerou muitos problemas para nós. Os militares não respeitam nossas autoridades tradicionais nem nossos costumes. Faz algumas semanas o Tuxaua da comunidade de Laje teve que quebrar o arco nas costas de um sargento que queria se fazer de valente e passar sem pedir permissão por dentro de sua comunidade. Os militares também não respeitam nossas filhas... Quantos casos há de meninas indígenas engravidadas por militares que, depois de fazer a sujeira, vão embora sem assumir nada... Por tudo isso o quartel do Uirarnutã tem que sair daqui. E nós vamos tomar conta das casas do quartel que já foram construídas. Casas que foram construídas com o dinheiro do povo e que, por isso, elas ficam para uso de nossa comunidade: escritórios, salões de encontro e reunião

Prossegue Davi Kopenawa, famosa liderança Yanomami da região de Roraima:

Em nossa terra indígena Yanomami tem vários quartéis. Em Surucucu, na fronteira com a Venezuela, tem quartel que está criando problemas. Em Aguaris tem quartel, em Maturaca tem quartel e todos estão criando problemas para nosso povo Yanomami. Nós, Yanomami, não queremos quartel na nossa terra. O quartel é coisa de branco, que façam na terra dos brancos. Nós estamos preocupados porque vai crescendo e crescendo outros quartéis de fronteira nas terras indígenas. Nós, Yanomami, estamos preocupados e revoltados por isso. Em Surucucu os militares fizeram quartel dizendo que era para vigiar e defender a fronteira. Eles levaram mais de sessenta soldados e não levaram as mulheres deles. Os soldados mexeram com nossas mulheres Yanomami. Eles fizeram sujeira com nossas mulheres. Enganaram elas dando-lhes comida, oferecendo-lhes alguma coisa como faca, camisa ou sabão e depois fizeram filho nelas e as deixaram com doenças... Nós, Yanomami, estamos revoltados por isso. Mas isso não acontece só aqui na nossa terra Yanomami. Os militares estão acostumados a mexer e remexer com as índias do Brasil. Os abusos sexuais dos militares com índias acontecem em muitas áreas indígenas do Brasil. Que eles usem as mulheres deles e respeitem nossas mulheres!

Dra. Débora, da 6ª Câmara Federal, ouviu as denúncias e respondeu aos apelos dos líderes indígenas:

Não é a primeira vez que vocês estão denunciando estes fatos. Já faz anos que as denúncias estão sendo feitas e até agora não foram tomadas providências. Vocês têm o direito de exigir que se faça justiça. Muitas das denúncias feitas por vocês mostram ações criminosas do Estado de Roraima e, por isso, o Estado deve ser punido

Teomar, Tuxaua da comunidade de Lago Grande, agradece a solidariedade da Igreja Feminina:

Nós temos que agradecer muito às irmãs da Igreja que nos têm apoiado e ajudado muito nesta luta para que nossa terra fosse libertada dos invasores. Faz uns dias eu estive na reunião onde foi indenizado o último fazendeiro que sempre nos ameaçava dizendo que só sairia daqui morto! Eu fiquei com pena dele porque saiu da reunião chorando... Agora, nossa terra está livre e nós temos que cuidá-la, plantá-la e fazê-la produzir para que todos nós e nossos filhos possamos nela viver felizes e em paz para sempre... Voltem sempre, irmãs, que esta é sua casa!

“Se perseguem a mim que sou o Mestre...”

A solidariedade, no entanto, traz conseqüências, como se depreende do relato da Irmã Edna:

A Irmã Sirley e eu acompanhávamos uma comissão de líderes indígenas que iam na maloca Ananás para fazer uma reunião sobre o projeto do gado. A certa altura da longa estrada percebemos que

estávamos sendo seguidas por um Gol. Mesmo assim, decidimos seguir viagem. Quando chegamos na ponte do rio Ereu tinha três canos fechando a saída da ponte e dois estacionados na entrada. Pedi à Irmã Sirley que não entrasse na ponte, mas já era tarde: estávamos em cima da ponte. Olhei pelo retrovisor e vi mais ou menos trinta homens saindo da mata em nossa direção, de ânimos alterados e armados com facões e pedaços de paus. Eles gritavam e falavam palavrões. Começaram a balançar o carro, ameaçando jogar-nos dentro do rio. Eram liderados por Luiz (apelidado Laranjeira), Hugo Cabral, Chico Bessa e Edir Coutinho. Uns queriam matar-nos, outros castigar-nos... Nosso silêncio fez com que os ânimos se acalmassem um pouco. Fomos obrigadas a descer do carro e voltar a pé. O carro foi jogado no rio. Andamos cerca de trinta quilômetros a pé, debaixo do sol forte, com sede e fome. Ao longo do caminho eles continuaram nos perseguindo. Iam e vinham nos xingando, nos caçoando e tentando nos atropelar

“Minha hora ainda não chegou!”

Uma outra religiosa, Irmã Antônia, foi ameaçada:

Ao chegar no cruzamento da rua Deco Fontelles com a Avenida Carlos Pereira de Melo e rua Soldado da PM Dejang da Silva, duas das camionetes que nos perseguiram fecharam a estrada na minha frente. Freei bruscamente e meu carro parou. Com a forte freada, fiquei debruçada por um instante sobre o volante. Quando me incorporei e olhei de novo, um homem segurou-me pelo pescoço e encostou um revólver na minha cabeça, dizendo: “Leve meu recado para o Artur” (o frei franciscano que morreu num obscuro acidente meses antes). Na outra janela do carro tinha outro homem, que falou: “Ainda não é a hora”. Um terceiro homem ainda disse: “Desculpe, senhora, foi um engano”. Logo, os homens sumiram... Tudo isso ocorreu em plena luz do dia, por volta das 13,45

Dom Jaime Chemello, então presidente do Cimi, reconheceu o testemunho da Igreja amazônica:

Fiquei impressionado com a realidade de Roraima. A Igreja de Roraima é uma Igreja Martirial! Como Igreja, temos que fortalecer nosso compromisso e apoio a esta sofrida e violenta realidade

“Não temam aos que matam o corpo”

O sofrimento dos indígenas mortos não foi em vão:

Temos muito que contar para nossos filhos quando falamos em homologação da terra. Foram muitos parentes mortos pela causa. Aqui, nesta festa, temos a presença de familiares desses que perderam a vida lutando. Eles são para todos nós um forte testemunho de luta e compromisso (professor Inácio Makuxi)

Estamos aqui para deixar claro que a nossa luta continua até o último índio (Tuxaua Rivaldo)

Esperança de mudança

O Tuxaua Orlando de Uiramutã tem esperança:

Esperamos confiantes em Lula porque, ao longo últimas eleições em que ele se apresentou, a gente sempre trabalhou e votou acreditando nele. Por fim, hoje, conseguimos que Lula chegue a ser presidente, o nosso presidente que conduza o nosso governo. Digo nosso presidente e nosso governo porque nós sempre tivemos essa grande fé em que Lula na frente do governo vai conseguir ajudar para libertar nosso povo da escravidão. Até agora Lula não se manifestou claramente sobre os povos indígenas... Nós estamos esperando que faça as mudanças que prometeu e que nós, os povos indígenas e os pobres do Brasil, temos apresentado para ele. Nós esperamos que seja um governo que ajude a construir com todos nós um novo Brasil. Nós esperamos que Lula não só apóie os povos indígenas senão a todos os povos do Brasil, aos pobres que vivem sem terra, sem casa, sem trabalho, sem nada nas cidades. Esperamos que Lula tenha ânimo e faça acontecer essa esperança que tem o povo que o apoiou e ainda agora o apóia. Nós temos colocado nossa esperança no novo governo. Nós temos a grande fé que este vai ser um governo que vai libertar os pobres do Brasil da escravidão

A água no mundo dos povos indígenas

“Esta água brilhante correndo nos rios e regatos não é apenas água. É sangue de nossos antepassados. O rumorejar da água é a voz da mãe de minha mãe. Cada reflexo na água límpida dos lagos conta o evento da vida de meu povo”. Assim definiu a água o conhecido cacique norte-americano Seattle (1855), quando o presidente dos Estados Unidos propôs comprar as terras onde eles viviam e tudo nela contido. Com isto, ele respondia que nem querendo se pode comprar um bem natural que a todos pertence.

A água é, portanto, no olhar contemplativo e fraternal indígena, parceira e constitutiva da vida, de que todos e todas fazemos parte. A ótica indígena da vida aponta para a via alternativa mais acertada, viável e universal, desprovida de poder e qualquer ganância individual ou coletiva. Sabe tirar da natureza tudo o que se precisa para viver bem e possui uma cultura inteligente que evita, por exemplo, grandes aglomerados de pessoas. Os indígenas vivem sempre em pequenas aldeias, criando sempre uma aldeia nova e, assim, garantindo um equilíbrio invejável ao mundo (ir)racional moderno. Eles *“trabalham pouco. Somente o necessário. Se alegram muito, se divertem muito, dançam muito, se enfeitam muito, cantam muito. São outras formas de viver. Não vamos ter a competência para voltarmos a ser indígenas, mas podemos aprender”* com eles, afirmava o jornalista Washington Novaes.

Cresce, porém, em todo o universo, organizações políticas e culturais

indígenas para garantir o direito de serem respeitados e poderem continuar vivendo e ensinando a viver. Por fim, é bom recordar novamente o que disse o cacique norte-americano Seattle: *“A terra não pertence ao homem. É o homem que pertence à terra. Todas as coisas estão entrelaçadas como o sangue de uma família”*. O mesmo podemos, evidentemente, dizer em relação à água, já que o nosso corpo é como o nosso planeta, 70% de água.

7. ALGUMAS CONCLUSÕES E PERSPECTIVAS

Retomemos a inspiração poética do início deste artigo para reafirmar nossas perspectivas: queremos seguir o caminho *“com os pobres desta Amazônia, de rostos indígenas, ribeirinhos e marginalizados urbanos e com eles nossa sorte jogar”*, procurando ser fiéis partícipes da profética “opção preferencial pelos pobres” da Igreja da Libertação, que procura, depois de dois mil anos, seguir os mesmos passos de *“Abrão, o amigo de Deus, a Isaac, o servo, a Israel, o santo de Deus”* (Dn 3, 35) e, principalmente, a Jesus Cristo, o “Filho Amado”, que se fez pobre e itinerante com pobres para libertá-los e com eles *itinerar* cada dia para a Terra da Promessa, a Terra Sem Males, a terra da solidária fraternidade.

Em 2004, depois de um longo e permanente discernimento, a “mínima Equipe Itinerante” se repartiu em dois Núcleos: um com sede em Manaus e outro com sede em Tabatinga (AM), na triplíce fronteira (Peru, Colômbia e Brasil). Hoje, em 2007, somos sete membros em Manaus e dez em Tabatinga, de congregações religiosas e instituições diversas: leigas/os, religiosas/os e padres. Outros Núcleos e Comunidades já estão sendo sugeridos, tais como o de Roraima, na fronteira com a Guiana e a Venezuela, Acre e Bolívia, e também na região de Mato Grosso e Rondônia. Apenas faltam mais pessoas...

Estamos convencidos de que precisamos resgatar este jeito pioneiro que nos aponta a história dos povos indígenas, nômades bíblicos e dos primeiros jesuítas. Uma Evangelização centrada no anúncio do Reino de Deus, inculturada, missionária, profética e libertadora. Uma Evangelização que se centra mais na gratuidade, na presença solidária, na leveza institucional, na experiência da Aliança com os pobres: *“Evangelizando os pobres, em pobreza”*, no diálogo, no afeto e no serviço humilde e despojado de toda forma de poder. Enfim, uma missão construída e realizada *“em rede”* entre pessoas, comunidades e instituições que acreditam verdadeiramente que outros mundos são possíveis; porém, que precisam ser construídos cotidianamente com a força da união e uma entusiasta e deliberada participação e comunhão.

Nossos Sonhos

*Nosso sonho é ver um dia
Todo o povo amazonense
Ter saúde e ser feliz
Nesta floresta imponente.
Culturas em mutirão,
Índios, Caboclos, irmãos
Cultivando o que é ‘ser gente’.*

*Nosso sonho é descobrir
Tantas sementes do Reino
Que acabem a exploração,
Violência e cativeiro.
E que o povo organizado
Por Deus muito bem amado
Destrua qualquer inferno.*

*Com os Povos Ribeirinhos
Sonhamos a preservação
Dos rios e das florestas.
E também ter condição
De produzir e vender
E de escola pra aprender
Sem sair do 'beiradão'.*

*Sonhamos com os Indígenas
Ver sua terra homologada,
Direitos diferenciados
E culturas preservadas.
Auto-determinação,
Saúde e educação
E as etnias irmanadas.*

*Nosso sonho na Cidade
É que os pobres se organizem,
Se sintam pessoas amadas
E as 'invasões' humanizem.
Consigam emprego e paz
Com casa digna de morar
Pra ver seus filhos felizes.*

*Sonhamos multiplicar
Equipes itinerantes
E também contagiar
Esse jeito caminhante
Pra aprender servir melhor
A este povo encantador
Nos lugares mais distantes.*

*Sonhamos, enfim, que o Reino,
Do bom Deus que é Trindade,
Se espalhe nesta Amazônia
Com chuvas de liberdade,
Pra que a justiça e paz
E o amor que tudo refaz,
Crie uma grande irmandade.*

(Paco)

** Paulo Sérgio Vaillant é padre jesuíta, ex-Coordenador da Comissão Nacional do Apostolado Social dos Jesuítas do Brasil (CNAS) e um dos primeiros membros da Equipe Itinerante, onde atuou entre 1998 e 2003. [psvaillant.sj@googlegmail.com]*

*** Francisco (Paco) Almenar é padre jesuíta, membro da Equipe Itinerante desde 2000 e atualmente coordenador da Equipe e membro da sub-equipe Ribeirinha em Manaus. [itiner@argo.com.br]*